

# ALDEIA DA TORRE DOS FRADES (TORRE DE ALMOFALA) ATRAVÉS DA CERÂMICA EM ÉPOCA MODERNA

ELISA ALBUQUERQUE

**RESUMO** Conhecida como Casarão da Torre, a Torre de Almofala (Figueira de Castelo Rodrigo) começou a despertar o interesse dos investigadores desde os inícios do século XX. Os trabalhos arqueológicos esclareceram dúvidas que até então existiam sobre o monumento, tendo sido revelados elementos estruturais e material arqueológico que apontavam para uma longa diacronia de ocupação do local, desde horizontes enquadráveis na época romana até à época moderna.

Pretende-se, então, com esta comunicação relacionar as estruturas habitacionais, nomeadamente as registadas na zona sul e identificadas como pertencendo a esta última fase de ocupação do local, com análise da cerâmica proveniente do sítio. Assim, através do cruzamento destes elementos tentar-se-á recriar o quotidiano de um pequeno núcleo populacional, entendendo a cultura material como um meio para conhecer as vivências dos habitantes da Aldeia da Torre dos Frades.

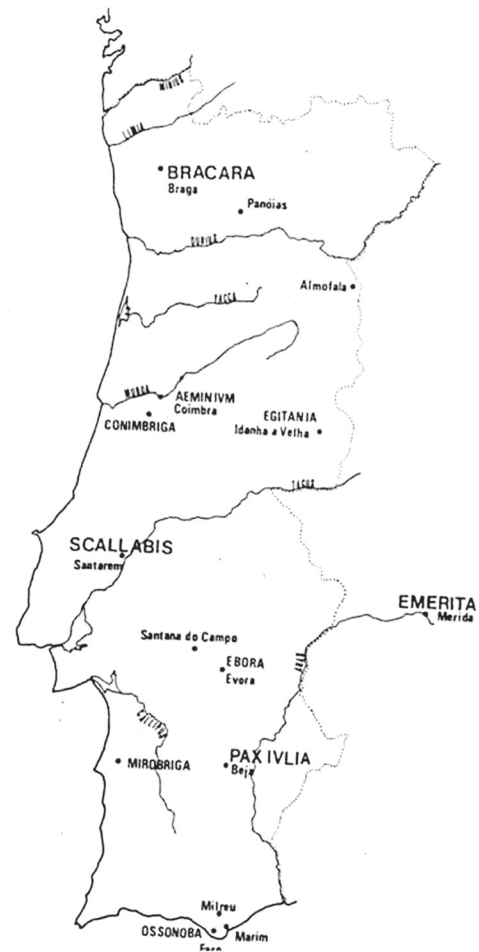
**PALAVRAS-CHAVE** Torre de Almofala, Época Moderna, cerâmica, vivências, trocas comerciais

## 1. LOCALIZAÇÃO

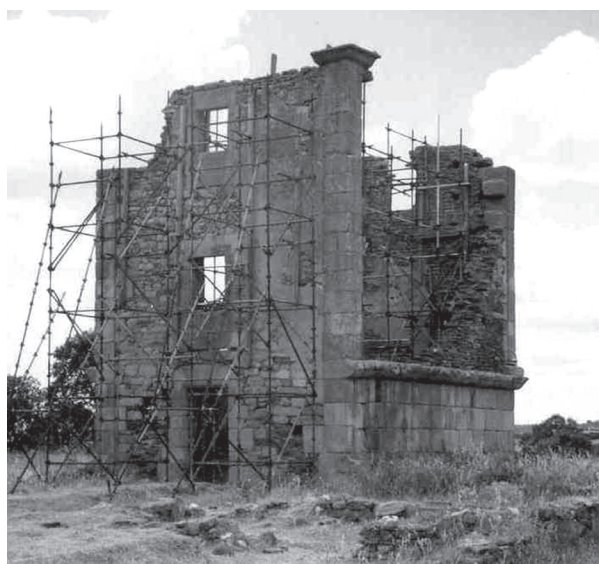
A Torre de Almofala, sítio arqueológico de grande importância, localiza-se na Beira Alta, na área administrativa da freguesia de Almofala, concelho de Figueira de Castelo Rodrigo, distrito da Guarda (fig. 1). Situa-se num planalto com altura média de 638 m e aparece indicado na Carta Militar n.º 162, na escala 1/25.000, edição de 1946 dos Serviços Cartográficos do Exército, como "Casarão da Torre", com as coordenadas UTM: 305,5; 434,2.

O monumento (fig. 2) encontra-se a 3 km da freguesia de Almofala, seguindo pela estrada proveniente de Figueira de Castelo Rodrigo, sendo o acesso às ruínas feito pelo lado esquerdo, por um caminho de terra batida, nas imediações da barragem de Santa Maria de Aguiar, a cerca de 5 km do Mosteiro de Santa Maria de Aguiar.

A Torre de Almofala, edificada numa zona de formação xistenta, pertencente ao Complexo xisto-grauvácico ante-ordoviciano (Carvalhosa, 1959, p. 10), foi classificada como Monumento Nacional pelo Decreto-Lei 129/77, de 29 de Setembro, com aquela denominação. Esta construção foi apelidada, ao longo dos séculos da sua existência, com diversas designações, nomeadamente Torre das Águias, Torre de Aguiar e Aldeia da Torre dos Frades.



1. Localização da Torre de Almofala (retirado de Teichner, 1994, p. 89).



2. Torre de Almofala.

Os trabalhos arqueológicos efectuados na Torre de Almofala foram desenvolvidos por Helena Frade, técnica superior do DRCC (Frade, 1989; 1991; 1997). Considerando a degradação do edifício e uma futura recuperação do mesmo, procedeu-se à intervenção, uma vez que era necessário um estudo que esclarecesse a funcionalidade, cronologia e estruturas do local.

Iniciou-se uma série de campanhas arqueológicas, que decorreram nos anos de 1989, 1990, 1991, 1993, 1994, 1997, 1998, em que a área escavada foi, sucessivamente, ampliada pois as descobertas realizadas assim o legitimaram (fig. 3).

## 2. UM POUCO DE HISTÓRIA

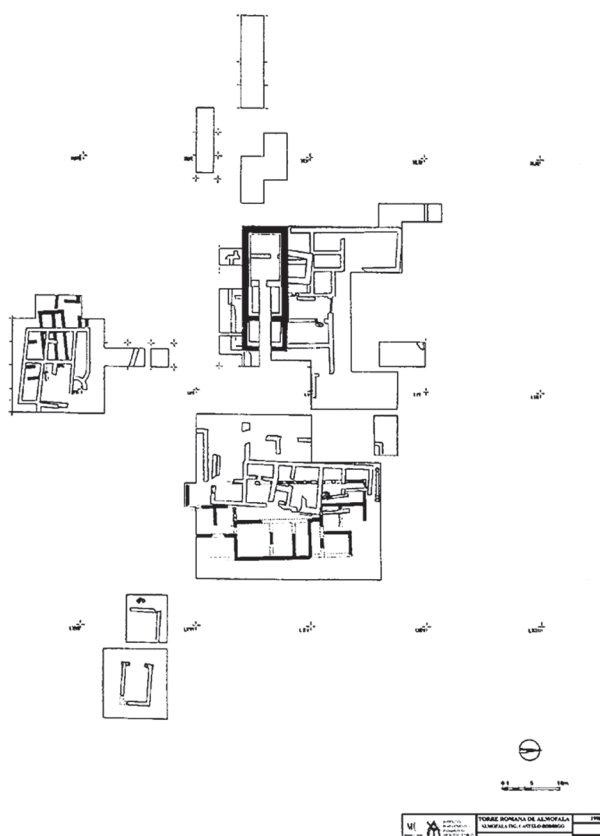
Assim, o edifício, denominado como Torre de Almofala, trata-se de uma construção de época romana, mais concretamente um templo integrado no *forum* de uma cidade, a *Civitas Cobelcorum*. Esta conclusão proveio da descoberta de uma ara votiva, datada dos inícios do século I, dedicada a Júpiter pela Cidade dos Cobelcos (Frade, 1998).

A mais antiga alusão à Torre surge em um documento medieval datado de 1174. Trata-se de uma carta de doação, de um local chamado *granjam Turris Aquilaris*, por Fernando II, rei de Leão, ao Abade Hugo do Mosteiro (Azevedo, 1910, p. 4-5). A doação fazia parte de um processo repovoador, protagonizado pelo Mosteiro de Santa Maria de Aguiar e pela Ordem do Pereiro, que, protegidos pelo rei leonês vão fundando pequenas granjas e aldeias (Gutierrez González *et al*, 1994, p. 383). Pode depreender-se, então, que o espaço foi ocupado pelos monges cistercienses no século XII, enquanto se procedia à construção do Mosteiro de Santa Maria de Aguiar.

Outro facto a reter acerca do local e da sua história é a constante instabilidade política. A região do Riba-Côa foi palco, desde os tempos de D. Afonso Henriques, de lutas fronteiriças entre os reinos de Portugal e Castela. A solução pacífica chega no ano de 1297, através da assinatura do Tratado de Alcañices, entre D. Fernando IV de Castela e D. Dinis de Portugal, ajustando-se os limites fronteiriços. A pacificação da região, ainda que por período curto, trouxe momentos de estabilidade que se traduziram, num retorno da população à área Torre de Almofala.

Através do Numeramento de 1527-32, mandado efectuar por D. João III, é referida a existência da Aldeia da Torre dos Frades, constituída por vinte e um fogos, aproximadamente cerca de oitenta habitantes. Assim, no século XVI, existia uma pequena povoação no local, cuja designação é justificada pela ocupação do sítio por religiosos, séculos antes.

É também desta época que data a construção da parede leste da Torre e a conseqüente alteração da traça primitiva do antigo templo romano. Considerando o ponto estratégico onde se situa, foi usada como posto de vigia em termos militares, dando continuidade a uma função já empregue anteriormente, o que não é de estranhar, tendo em conta, o facto de se localizar no foco de permanentes contendidas entre cristãos e muçulmanos e portugueses e leoneses.



3. Planta das escavações.

Mas, se em termos políticos e militares, as lutas eram uma constante na zona raiana, as relações pessoais e comerciais não parecem ter sofrido com essa situação. Pelo contrário, existia um contacto amigável e uma vida social próxima, alimentada através de casamentos e mantida por trocas comerciais com a participação em mercados do reino vizinho e trabalho para além fronteira, ou seja, é notório nestas populações um sentimento de afectuosidade e agrado em "vizinhar" (Cardoso, 1998, p. 475).

### 3. VIVÊNCIAS ATRAVÉS DA CERÂMICA

Nas várias campanhas de escavações realizadas na Torre de Almofala foi possível recolher um lote de espólio cerâmico cuja importância se reflecte na expressividade numérica, estado de conservação e nas informações que sugerem sobre o quotidiano das populações que ocuparam o local. De facto, em termos de época moderna regista-se uma grande porção de cerâmica e embora a comum fosse a maioria, a faiança encontra-se muito bem representada.

É através desta que podemos inferir os contactos comerciais com o reino vizinho, nomeadamente com a presença de faiança proveniente dos centros produtores de Olivares, localizado nas imediações de Zamora e com início de produção no século XV/XVI (fig. 4). Esta louça é caracterizada por ser apenas vidrada no interior, branco como fundo e decoração a verde e *morado* (cor de amora), numa primeira fase e posteriormente, utiliza-se o azul e o verde, acabando por ser, somente, pintada a azul (Moratinos Garcia *et al*, 2003, p. 71; Ramos Peréz, 1980, p. 187-188).

Desde 1290, que Zamora tinha feira franca e com isso integrava-se na rede das feiras de Castela (Turina Gómez, 1994, p. 22), conduzindo, por isso, a uma efectiva troca de produtos de diferentes centros oleiros.

Situação semelhante verifica-se relativamente à faiança produzida em Talavera de la Reina, pertencente, actualmente, à província espanhola de Toledo, centro produtor de cerâmica, com grande importância, durante a Época Moderna, cujos exemplares recolhidos nas intervenções realizadas na Torre de Almofala apresentam grande expressividade numérica. Pertencem às chamadas séries de *las mariposas* e *tricolor*, a primeira produzida na segunda metade do século XVI e a segunda desde metade do século XVI prolongando-se por todo o século seguinte (fig. 5). Os produtos talaveranos seriam escoados através da via que seguia desde a Meseta Sul até Portugal.

A Aldeia da Torre dos Frades estaria envolvida nessas rotas comerciais, quer por vendedores ambulantes que se deslocariam dos centros produtores, ou



4. Faiança de Olivares.

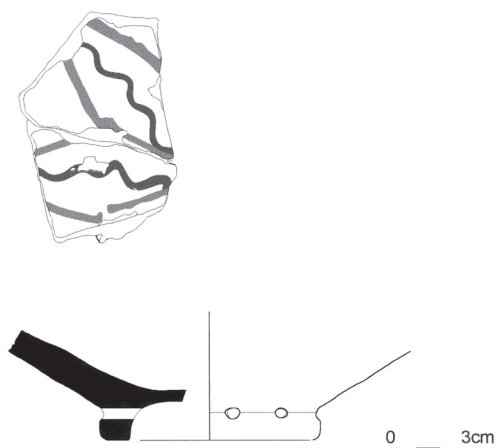


5. Faiança de Talavera de la Reina.

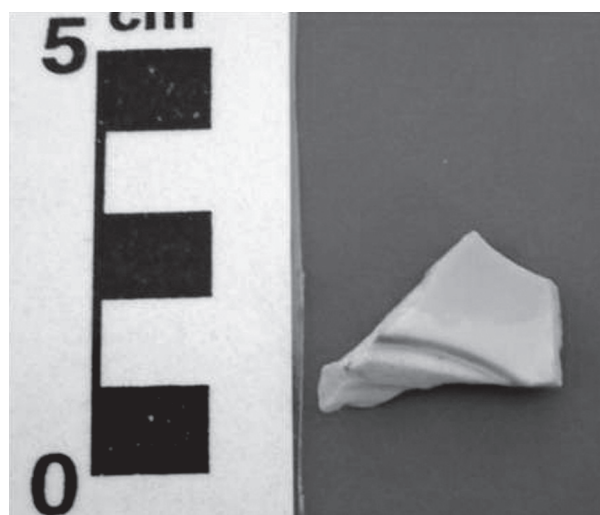
por compradores que iam aos mercados ou olarias do outro lado da fronteira. Independentemente da forma como obtinham os produtos, os contactos comerciais encontravam-se profundamente estabelecidos.

A quantidade de faiança exumada da Torre de Almofala, e sendo esta uma cerâmica de luxo, sugere um certo poder económico por parte dos habitantes da Aldeia da Torre dos Frades. Ao contrário da louça preta ou vermelha, tosca e vidrada, que era utilizada nas necessidades elementares da população, a função da faiança era dedicada ao serviço de mesa, cuidados de higiene, loiça de botica, ou mesmo como enfeite do lar. Os materiais utilizados na produção desta louça encareciam o seu custo final e, por isso, tornava-se num produto mais utilizado pelas classes sociais com maior poder financeiro (Fernandes, 2001, p. 29-30).

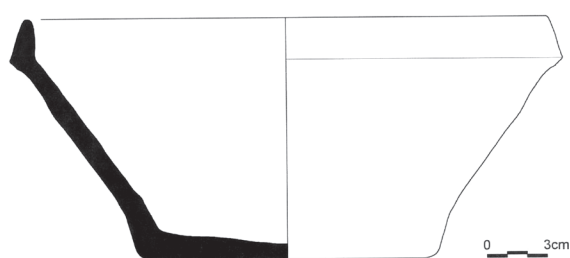
A propósito de uma das funções da faiança poder ser a decoração da casa não podemos deixar de referir um prato decorado a azul e verde, que apresenta no pé, dois furos (fig. 6). Trata-se de dois buracos feitos antes



6. Fragmento de faiança com dois orifícios no pé.



7. Fragmento de porcelana chinesa.



8. Alguidar (cerâmica comum).

da cozedura, para que a peça, depois de terminada, fosse pendurada. Ou seja, aventamos a hipótese de que seria possível haver alguns exemplares de faiança que apenas serviam para ser admirados, provavelmente colocados num local da casa à vista de todos. Corroborando a questão do poder económico dos habitantes da Aldeia da Torre atestamos, ainda, a pre-

sença de vários fragmentos de porcelana chinesa (ainda em estudo) no conjunto da cerâmica recolhida no local (fig. 7).

Relativamente à cerâmica comum verificamos a existência de algumas formas recorrentes, com quase total ausência de paralelos, inserida numa tipologia por nós criada (Albuquerque, 2005, p. 96-101; 2008, p. 53-56), que incluía coadores, tigelas, malgas e alguidares. Foi possível verificar a recorrência de formas, pastas e fabricos idênticos entre si, o que conduz à colocação da hipótese de existir na Torre de Almofala, durante o período moderno, uma olaria. Para além deste aspecto, um outro elemento que, de alguma maneira, instiga a nossa suposição é o aparecimento de uma rela. Trata-se de uma pedra com uma concavidade onde encaixava o eixo da roda de oleiro (Alarcão, 2004, p. 46).

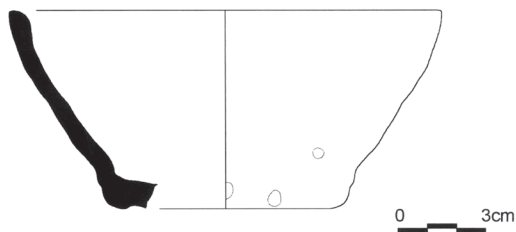
Uma das formas identificada em maior número é o alguidar (fig. 8), inserida na tipologia de Almofala, que embora tendo o mesmo fabrico (polimento no interior e alisamento no exterior) em todos os tipos, difere de tamanho, conforme a provável utilização do mesmo. Das várias funções atribuídas a estas peças sugerimos hipoteticamente que os alguidares, serviriam para aparar o sangue durante a matança do porco e preparação de enchidos. Tendo em conta que considerámos a sala 3 e 6 como um pocilgo (fig. 9) com algumas características semelhantes com as *safurdas* alentejanas (Oliveira *et al*, 1994, p. 158 –des. 36) e não esquecendo que aí foi posto a descoberto um sarcófago reaproveitado como pia para animais, parece-nos haver a possibilidade de ter existido criação suína sendo esta uma das actividades a que se dedicavam os habitantes da Aldeia da Torre dos Frades.

Era também possível que a população se dedicasse à pastorícia. Esta questão é-nos sugerida pela presença de coadores (fig. 10), cuja função é filtrar líquidos. Pensamos que estas peças possam ser relacionadas com o fabrico de queijo, nomeadamente, após a ordenha, para coar o leite para um recipiente, utilizando, também um pano, ou funcionaria como um acincho ou cincho, onde era vertida a coalhada para logo ser espremida, de modo a que o soro saísse pelos buracos. A existência de rebanhos de ovelhas e cabras era também um ponto de relação com o reino vizinho pois comumente os pastores passavam a fronteira em busca de melhores pastagens para os animais (Araújo, 1998, p. 239).

Por outro lado, a presença de grandes contentores de armazenamento (fig. 11) indicia actividades relacionadas com a agricultura. Identificaram-se várias talhas e potes de grande dimensão que permitiam guardar e conservar alimentos como azeite, azeitonas, vinho ou cereais. Qualquer um destes alimentos tem por trás



9. Sala 3 com estrutura circular. Sarcófago, no interior da sala 6 (foto cedida por Helena Frade).



10. Coador (cerâmica comum).

trabalhos agrícolas que seriam mais umas das formas de sustentabilidade da população que ocupava a Aldeia da Torre dos Frades.

Entrando num outro domínio, o espiritual, é possível afirmar que os habitantes praticavam culto religioso. Durante as escavações foi posta a descoberto uma estrutura, denominada sala 66, que corresponde a uma capela (fig. 12). Pela tipologia das pedras do arco da entrada do edifício, que se encontraram no local, pode corresponder a uma cronologia do século XV/XVI, possivelmente da mesma época da construção da parede nascente da Torre.

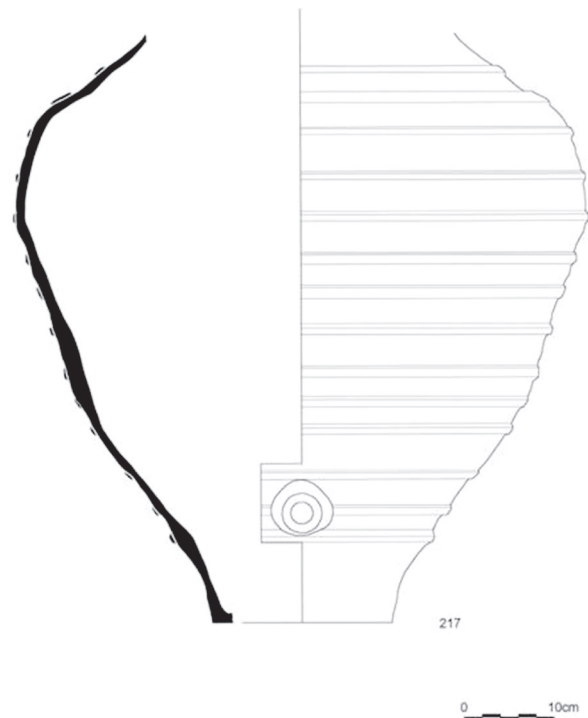
Por último, um outro aspecto igualmente interessante nesta abordagem da cerâmica numa vertente mais social, ou seja, as crianças. Assim, foi possível registar pequenas peças de cerâmica, semelhantes em forma e tipo de fabrico aos recipientes utilizados pelos adultos (fig. 13). Apresentamos um exemplar de uma pequena malga, semelhante às produzidas para serem utilizadas nas tarefas diárias, nomeadamente em termos de acabamento, com polimento no interior, alisamento no exterior e com forma semelhante, mas tamanho reduzido. Demonstram o quotidiano das meninas, um reflexo das tarefas das suas mães. Trata-se de miniaturas elaboradas pelo oleiro onde era colocado o mesmo cuidado que teria ao fazer as peças grandes, mas acrescentando um novo componente, um pouco de carinho.

#### 4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

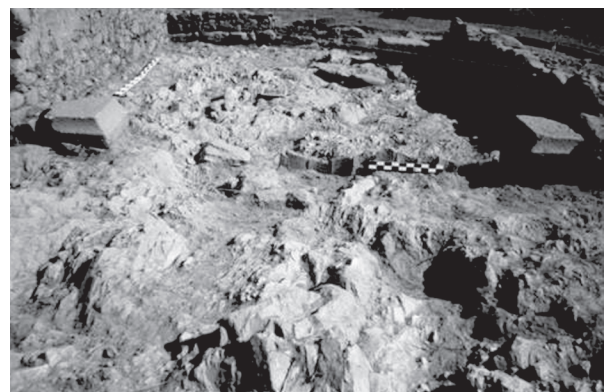
Através da análise da cerâmica e a leitura dos elementos estruturais postos a descoberto durante as intervenções arqueológicas foi possível recriar o quotidiano dos habitantes da Torre de Almofala, em época moderna. Ainda que sejam apenas hipóteses ou ideias que carecem de continuação de trabalhos tanto a nível de escavações arqueológicas como do estudo do restante espólio, podemos apresentar algumas ilações.

Deste modo, o núcleo populacional aí existente teria alguma importância, com um número expressivo de habitantes. Estes dedicavam-se a diversas actividades, nomeadamente a pastorícia e agricultura.

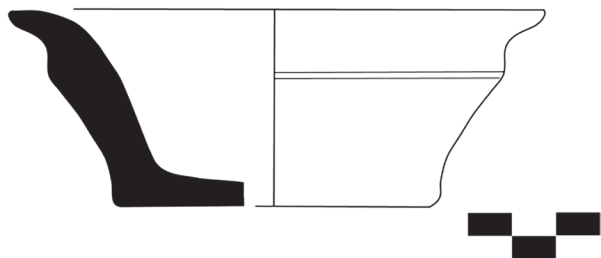
É provável que existisse uma pequena olaria na aldeia, tendo em conta a existência de formas e fabricos idênticos entre si.



11. Talha.



12. Capela (sala 66) (foto cedida por Helena Frade).



13. Brinquedo (cerâmica comum).

A transformação do antigo templo romano em torre de vigia, com funções de atalaia e estando esta localizada num ponto estratégico nas lutas fronteiriças, demonstra que parte dos habitantes participariam em actividades militares.

Por outro lado, é notório algum poder económico por parte dos habitantes e que é possível deduzir através da quantidade de faiança e alguma porcelana presente no conjunto de cerâmica analisado.

Mantinhm-se as actividades comerciais e sociais com o reino vizinho, apesar dos confrontos políticos e em termos de comércio realizavam trocas e frequentavam feiras e mercados.

Por último, seria uma população que praticava culto religioso com presença de um local sagrado.

A Aldeia da Torre dos Frades terá sido destruída durante as Guerras da Restauração pelas tropas espanholas, deixando de ser referida nos documentos.

Relativamente à cerâmica analisada podemos dizer que corrobora esse facto pois a cronologia que lhe é atribuída não vai além do século XVII.

## BIBLIOGRAFIA

- ALARCÃO, J. de (2004) – Introdução ao estudo da Tecnologia Romana. *Cadernos de Arqueologia e Arte*, 7. Instituto de Arqueologia/Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Coimbra.
- ALBUQUERQUE, E. (2005) – *Entre sigillata e faiança: primeiro estudo sobre a cerâmica da Torre de Almofala*. Dissertação de Mestrado em Arqueologia na área de especialização em Arqueologia Regional, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra (policopiado).
- ALBUQUERQUE, E. (2008) – Torre de Almofala: Apontamentos sobre a Cerâmica de Época Moderna. *Actas do FORUM Valorização e Promoção do Património Regional*, Volume 1, p. 51-67.
- ARAÚJO, J. (1998) – Relações de Fronteira na Idade Média: a Transumância. *IV Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval. As relações de fronteira no século de Alcanices*, Actas v. 1. Porto, p. 229-240.
- AZEVEDO, P. A. de (1910) – Documentos de Santa Maria de Aguiar. *Revista Lusitana*, 13 (1-2). Lisboa, p. 1-17.
- CARDOSO, I. V. de F. (1998) – Viver e conviver em terras raianas na Idade Média. *IV Jornadas Luso-Espanholas de História Medieval. As relações de fronteira no século de Alcanices*, Actas v. 1. Porto, p. 475-483.
- CARVALHOSA, A. (1959) – *Carta Geológica de Portugal, Nota explicativa da Folha 15-D, Figueira de Castelo Rodrigo*. Lisboa, 1959.
- FERNANDES, I. M. (2001) – Formas e Funções da Faiança Portuguesa Oitocentista. *Itinerário da Faiança do Porto e Gaia* (org. e coord. Museu Soares dos Reis). Lisboa, p. 19-51.
- FRADE, H. (1989) – *Torre de Almofala. Relatório de escavações*. IPPAR, p. 1-10 (policopiado).
- FRADE, H. (1991) – *Torre de Almofala. Relatório de escavações*. IPPAR, p. 1-17 (policopiado).
- FRADE, H. (1997) – *Torre de Almofala. Relatório de escavações*. IPPAR, p. 1-39 (policopiado).
- FRADE, H. (1998) – Ara a Júpiter da *Civitas Cobelcorum*. *Ficheiro Epigráfico*, 58, n.º 266. Coimbra.
- GUTIÉRREZ GONZÁLEZ, J. A.; BENÍTEZ GONZÁLEZ, C. e LARRÉN IZQUIERDO, H. (1994) - Las pueblas fronteirizas entre León y Portugal en los ss. XII y XIII: "ciudadelas" de Riba – Côa (Beira, Portugal). *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*, 34 (3-4). Porto, p. 381-404.
- MORATINOS GARCIA, M. e VILLANUEVA ZUBIZARRETA, O. (2003) – La vida en clausura de las monjas de la Concepción. *389 Años de Convento de La Concepción* (comisaría: Hortensia Larrén Izquierdo). Junta de Castilla y León, p. 61-79.
- OLIVEIRA, E. da V.; GALHANO, F. e PEREIRA, B. (1994) – *Construções primitivas em Portugal*. 3.ª Edição. Publicações Dom Quixote. Lisboa.
- RAMOS PÉREZ, H. (1980) – *Cerâmica popular de Zamora desaparecida*. Zamora.
- TEICHNER, F. (1994) – Acerca da Vila Romana de Milreu/Estói. Continuidade da Ocupação na época árabe. *Arqueologia Medieval*, 3. Mértola, p. 89-100.
- TURINA GÓMEZ, A. (1994) – *Cerâmica medieval y moderna de Zamora*. Colección Monogramas, 1 – Arqueologia en Castilla y León. Zamora.